

A Descrição da Ilha de Timor de João Marinho de Moura

L u í s F . R . T h o m a z

ENTRE OUTROS DOCUMENTOS RESPEITANTES A Timor, para ali levados quando D. João VI transferiu para o Rio a capital do seu império, conserva-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro um pequeno manuscrito, classificado com a cota I-25-27-13 e intitulado *Descrição da ilha de Timor, causa da sua decadência e projecto para o seu augmento*; como o próprio manuscrito nos informa, foi redigido pelo coronel João Marinho de Moura, antigo governador de Timor, em Lisboa em Dezembro de 1795.

O texto espelha a ansiedade que reinava em Portugal em consequência da Revolução Francesa e suas sequelas, não só na Europa como em todo o vasto mundo por onde a Europa se expandira. No caso de Timor havia sérias razões para temer que a Holanda – que jamais tomara a sério as pazes que assinara com Portugal em 1661, permitindo que os agentes locais da VOC (*Vereenigde Oostindische Compagnie*, «Companhia Unida das Índias Orientais»), ignorando-a na prática, continuassem a desenvolver uma política expansionista e hegemónica – se aproveitasse da confusão reinante para anexar a parte leste de Timor.

A parte oeste da ilha estava, havia meio século já, sob o seu domínio, no rescaldo da batalha de Penfui, travada junto ao forte do Cupão, que os batavos haviam ocupado em 1653. Tudo começara com desinteligências entre o rei *topaz* (*i. e.*, português mestiço) de Oé-Cússi e o Senobai, *imperador do Servião*, ou seja, suserano de todos reinos da metade ocidental da ilha, de língua baiquena. Os homens do Senobai fizeram incursões em Oé-Cússi e os de Oé-Cússi ripostaram invadindo o território daquele em 1735 e de novo em 1745. Impotentes para resistir aos *Zwarte Portugezen* («portugueses pretos», nome que os holandeses davam aos topazes), os chefes do Servião endereçaram em 1747 uma petição à VOC, solicitando apoio militar, petição que mais onze régulos secundaram em 1749.

Pormenor de pano *tais*.
Fotografia de Luis F. R. Thomaz.



Entretanto os arraiais topazes, comandados pelo tenente-general Gaspar da Costa haviam penetrado bem dentro do Servião, chegando às portas do forte holandês do Cupão. Os holandeses reuniram então uma força de *mardijkers* (escravos libertos ou seus descendentes), gente das ilhas de Savu, Solor e Roti, e timorenses seus fiéis, com que sob o comando de Vaandrig Lip bateram os arraiais de Gaspar da Costa na sangrenta batalha de Penfui (9 de Novembro de 1749), em que pereceram quatro reis do Servião aliados dos topazes, incluindo o de Amacono, que segundo parece fora nomeado «imperador» pelos topazes quando se desavieram com o Senobai. Ou porque se não tivesse apercebido da gravidade da situação, ou porque estivesse demasiado ocupado com outros problemas, o

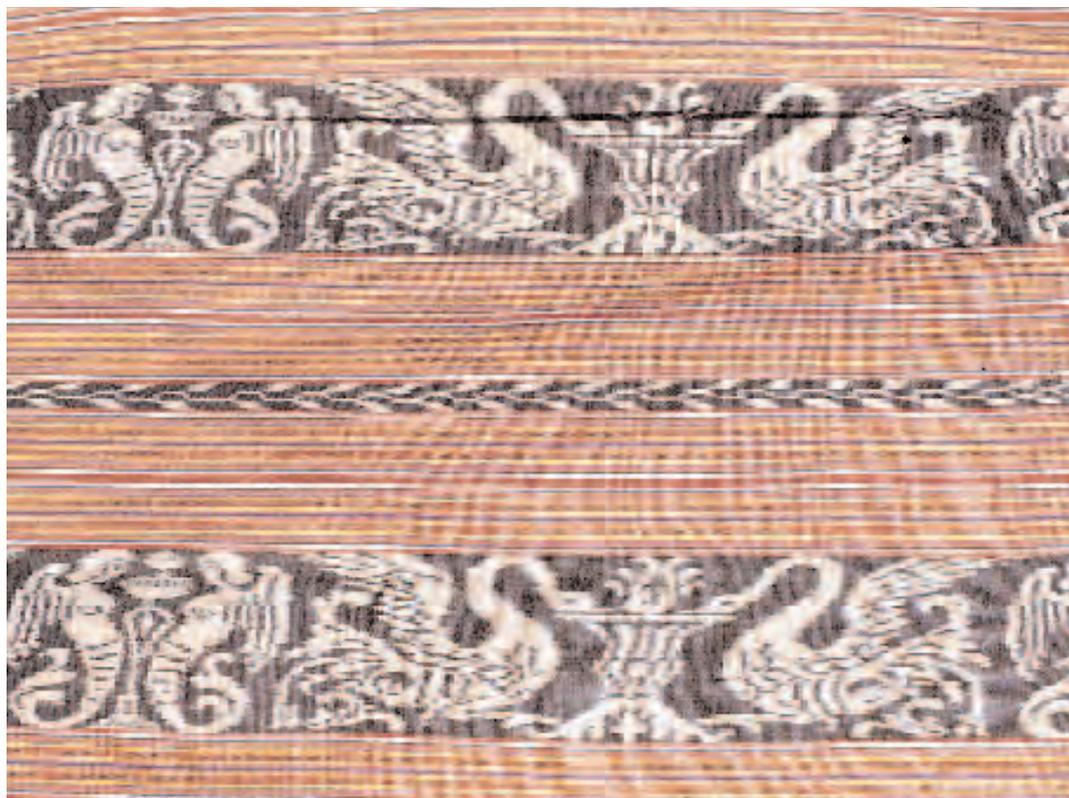
governador português Manuel Correia de Lacerda (1749-1751), de que aliás se sabe muito pouco, não interveio.

A VOC decidira-se a explorar o sucesso de Penfui enviando de Batávia, em finais de 1753, uma frota a submeter Manatuto, Adé (que parece ser o actual Com) e os demais portos da costa norte de Timor fiéis aos portugueses; mas ao que parece limitou-se a operar na costa sul do Servião, onde diversos reinos assinaram em 1756 tratados com a Holanda. Nesse mesmo ano os holandeses ergueram, contudo, um forte em Maubara, no País dos Belos (*i. e.*, em Timor Leste, de língua tétum), que depois desmantelaram, conservando contudo uma feitoria; só pelo tratado de delimitação de 1859 viriam a evacuar definitivamente o enclave. A VOC pas-

sou a emitir licenças de comércio a chinas, macaças e malaios para comerciarem em toda a ilha e a aprisionar todo o vaso mercante que para lá rumasse sem o seu salvo-conduto. Entre 1758 e 1761 o *opperhooft* ou capitão-mor holandês do Cupão von Pluskow conduziu uma série de campanhas pelo interior do país, batendo os topazes junto a Noemúti, ao sul do Oé-Cússi, após o que se lhe submeteram diversos reinos que até aí estavam sob a influência destes; apenas os reinos de Ambeno e Noemúti permaneceram na órbita dos topazes e, como tal, nominalmente sujeitos aos portugueses. A adesão da maior parte do Servião aos holandeses ficou consolidada em 1759 com a conversão ao calvinismo do Senobai e do rei de Amacono. Os reis do Servião, que até aí tinham nomes portugue-

ses, começam por essa época a usar nomes próprios holandeses. Principiou assim a desenhar-se a actual geografia religiosa de Timor: Belos católicos e Baiquenos protestantes, à excepção dos de Oé-Cússi.

Temia-se agora que, aproveitando a confusão causada pela Revolução Francesa, os holandeses se apoderassem do resto de Timor. O autor preconiza como profilaxia da ocupação batava não só o reforço do dispositivo militar, mas também o desenvolvimento da mineração e o incremento das exportações tradicionais: sândalo, mel e cera. Os suas concepções económicas são assim pouco inovadoras. A sua sugestão mais válida é, quiçá, quando argumenta contra o uso de Timor como colónia penal e contra o recrutamento de delinquentes para servirem lá como



Pormenor de pano *taís*.
Fotografia de Luís F. R. Thomaz.

Dança da água, Suai.
Fotografia de Ruy Cinatti.



tropas – fonte de perturbações constantes desde o século anterior. Escutemo-lo¹:

«Timor é uma ilha vezinha às Molucas, situada em 10 graos de latitude e 140 de longitude. E o seu comprimento é de mais de 60 légoas e tem 20 e tantas de largura. O paiz é fértil e abundante de víveres e de gado e de caça de várias espécies, tem muitos mineraes de ouro, cobre, tambiaque² e azougue, que podia fazer uma grande extracção pera um considerável comércio, se os seus habitantes não fossem inertes e preguiçosos, que não amam senão a vida ociosa.

Prova tanto a abundância de mineral de ouro fino neste paiz que os povos tiram quantidade de pó de ouro separando-o das arêas que trazem as currentezas das ribeiras e regatos que vem dos sertões, com que commercêam com os Holandeses e outras nações vezinhas.

Os seus matos produz muito pao de sândalo, cuja extracção faz um considerável comércio com os Chinas, e todos os annos vai do porto de Macau um navio dos commerciantes daquella cidade carregar desta madeira, de que reduz uma considerável renda à Alfândega e direitos de Sua Magestade Fidelíssima.

Os seus sertões produzem tanto mel silvestre que dá muita cera pera commerciareem com os Chinas e mais vezinhos.

Estes povos são dirigidos pelos seus Príncipes soberanos, que são tratados com título de Rey, os quaes se lisongêam muito de ser vassallos de Sua Magestade Fidelíssima por um pacto antiquíssimo, feito com os nossos primeiros conquistadores Portuguezes; por isso renovam a sua obediência a todos os governadores que vão commandar aquella ilha e de Solor em nome de Sua Magestade, e prestam soccorros contra os inimigos do Estado.

Os Holandeses, pela ambição das vantagens do seu commércio, ou com projectos de futura conquista, esquecendo-se das leis da amizade e dos direitos do limite, se apossaram de uma parte

desta ilha, onde estabeleceram uma feitoria; e sendo expulsos pelos Príncipes Timores que os assassinarão barbaramente, tornaram com maior força e se estabeleceram com uma fortificação; depois disto conseguiram com afagos e comércio a amizade deste Povo, com os quaes contratam e extraem géneros pera a Batávia e mais colónias vezinhas. Algumas dissenções que os Governadores portuguses tem tido com os Reys de Timor supõem serem urdidadas por estes Republicanos, que não perdem occasião de ver se nos pode extrahir por máxima aquillo que não podem fazer por armas.

Esta vesinhança nos deve ser temível na época presente, em que os Franceses estão unidos com estes Republicanos, e terão o projecto de nos tirar a posse desta colónia tão antiga e feudatária à Coroa de Sua Magestade, com uma tão dilatada christandade, cuja missão tiveram a glória de converter a mayor parte dos seus Reys e Príncipes à nossa Santa fé Cathólica que ainda seguem nesta ilha.

Os Capitães Generaes da Índia que promoviam governadores pera Timor, a maior parte deles menos instruídos de sua situação e qualidade, ou por outros motivos, em lugar de a aumentar concorreram pera a sua total ruína; e ella estaria já reduzida a nada se a sua mesma concistência e natural fertilidade a não concertasse independente de soccorros. Elles fizeram o sistema de nomearem governadores pera esta Ilha homens paisanos, inertes, sem instrução militar nem luzes da Política, e pera officiaes das tropas instituídas pera a defesa daquella Colónia e dos direitos de Sua Magestade criminosos de atrozes delitos, que escapando das forcas de Goa foram renovar os crimes em Timor, fazendo muitas vezes irritar os Príncipes e conspirar contra o Estado.

Pera obviar as referidas desordens e acautelar esta Ilha de algüas ideias de Conquista dos Holandeses com ajuda dos Franceses, seria bom



© RUI CHAVITIL

que as poucas tropas que se acham nella pera a defesa fossem augmentadas a proporção da necessidade e das Rendas, disciplinadas, armadas e fardadas. Que se lhes concedessem quatro

pecinhas de artilharia de amiudar de bronze, pera se postarem nos flancos deste Corpo quando elle se puser em Campo; e basta que duas sejam de duas libras de balla e duas de uma, e alguns

officiaes de préstimo que voluntariamente quizessem ir servir Sua Magestade naquella Collónia por alguns annos, pelo interesse do seu augmento, e alguns cadetes que possam suprir a falta de officiais que há naquellas tropas.

Com esta regulação se farão as ditas tropas de Timor não só reductável aos Príncipes de Timor mas também aos Holandeses, que na época actual é gente de pouco préstimo pera a guerra e incapazes de fazer maiores progressos nas armas, cujo conhecimento tenho por uma longa experiência.

As referidas peças de amiudar, sua palamenta e petessos, e o mais que Sua Magestade for servida destinar pera aquella colónia pode ir no navio do contrato de tabaco que deste porto há de partir pera Macao, ou em direitura pera Timor, em um navio que deste quer mandar pera aquella Colónia em direitura o commerciante desta Praça José Nunes da Silveira.

Lisboa, primeiro de Dezembrto de 1795

João Marinho de Moura

Coronel e Governador de Timor»

Final, ao contrário do que se temia tanto em Díli como em Goa, a Revolução Francesa e as guerras napoleónicas não tiveram repercussões em Timor. A Holanda fora anexada pela França em 1795, com o título de «República Batava», e a VOC praticamente extinta no ano imediato, passando a administração das Índias Orientais para a responsabilidade directa do estado. Os ingleses haviam-se estabelecido em 1784 da ilha de Pinang ou Pulo Pinão, no norte da Malásia, e obtido facilidades para comerciar em todo o Arquipélago, começando a aparecer como grande potência marítima na zona, o que obrigava as autoridades de Batávia a contemporizar com eles. Aliado da Inglaterra, Portugal beneficiava dessa situação. E como os governadores que se sucederam em Díli tiveram o bom senso suficiente para conservar a paz interna, a vida de

Timor decorreu por largos anos sem incidente de maior.

Tampouco teve reflexos negativos em Timor a ocupação dos domínios da Holanda, Timor ocidental inclusive, pelos ingleses, de 1811 a 1816. Pelo contrário: foi provavelmente isso o que permitiu ao governador José Pinto de Alcoforado e Sousa, homem interessado na agricultura, que procurara desenvolver em Timor o cultivo da cana-sacarina, introduzir aí a cultura que nos tempos modernos seria a sua maior riqueza: a do café. Os holandeses, que desde 1616 haviam feito diligências para aclimatar o cafeeiro na própria Holanda, haviam em 1658 começado a cultivá-lo em Ceilão; e em 1699, após uma tentativa falhada em 1696, introduziram o seu cultivo em Java. Foi provavelmente dessa ilha, ao tempo ocupada pelos aliados dos portugueses, que Alcoforado e Sousa obteve as sementes de que necessitava; a não ser que lhe tenham vindo do Rio de Janeiro (onde continuava a residir a corte portuguesa), para onde haviam sido levadas de Goa em 1760. Só investigações mais cuidadosas que a que levámos a cabo o poderão dizer ao certo.

Se assim foi, então existe na história de Timor um vínculo mais a ligá-la à história do Brasil, de onde no século XVII haviam vindo as culturas que são hoje a base da alimentação timorense: o milho, a batata-doce e a mandioca.

¹ Na transcrição do texto desenvolvemos as abreviaturas, acrescentámos acentos e sinais de pontuação, e regularizámos um tanto a grafia, suprimindo uma ou outra variante gráfica mais rebarbativa, desde que averiguadamente desprovida de significação fonética, de modo a tornar a leitura mais agradável e fácil ao leitor contemporâneo.

² Mais geralmente *tambaca*, *tambaque* ou *tambaga* (do malaio *tembaga*, por sua vez do sânscrito *tâmraka*, «acobreado») designa em português da Ásia as mais das vezes uma liga de cobre e zinco, por vezes outras ligas em que entre o cobre; *tambaga suaça* (do malaio *tembaga suasa*, com o mesmo sentido) é uma liga cobre e zinco com ouro. Em malaio chama-se *tembaga kuning* («tambaca amarela») ao arame ou latão (liga de cobre e zinco), *tembaga merah* («tambaca vermelha») ao cobre, *tembaga perunggu* ao bronze (liga de cobre e estanho) e *tembaga putih* («tambaca branca») à liga de chumbo e estanho.